



COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
LACES E DESENLACES

VOL. II

 **Atena** Editora

2018

Atena Editora

Comunicação e Educação
Laces e Desenlaces
Vol. II

2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação e educação [recurso eletrônico]: laces e desenlaces 2 /
Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2018.
389 p. : 27.326 kbytes – (Comunicação e Educação; v. 2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-92-9
DOI 10.22533/at.ed.929181605

1. Comunicação. 2. Comunicação na educação. 3. Educação.
I. Título. II. Série.

CDD 370.14

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

Sumário

CAPÍTULO 1 CINEMA MÍDIA: POTENCIALIDADES DO TRAILER INTERATIVO	8
<i>Giovana dos Passos Colling</i>	
CAPÍTULO 2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ALFABETIZAÇÃO AUDIOVISUAL E AS COMPETÊNCIAS MIDIÁTICAS NOS CINEMAS DOS PRIMÓRDIOS E DA VANGUARDA RUSSA REVOLUCIONÁRIA	18
<i>Erika Savernini</i>	
CAPÍTULO 3 ESTADO E POLÍTICA NA RETOMADA DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA EM PERNAMBUCO	33
<i>Leonardo Seabra PUGLIA</i>	
CAPÍTULO 4 NEM SEMPRE O BONITO É BOM E O FEIO É MAU: UMA ANÁLISE DA CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS DO FILME FREAKS DE 1932	46
<i>Ivon Mendes de Barros</i>	
CAPÍTULO 5 O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO FILME CIDADE DE DEUS COMO UMA EXPERIÊNCIA DE COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA.....	62
<i>Rozinaldo Antonio Miani</i>	
CAPÍTULO 6 A FORMAÇÃO DE LEITORES-CONSUMIDORES CRÍTICOS NAS ESCOLAS: 10 ANOS DE PESQUISAS SOBRE LETRAMENTO EM MARKETING.....	75
<i>Jônio Machado Bethônico</i>	
CAPÍTULO 7 BACK TO THE BASICS: O LETRAMENTO UNIVERSITÁRIO COMO ESTRATÉGIA INSTRUTIVA PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL.....	89
<i>Luís Carlos Bittencourt</i>	
<i>Ediana Abreu Avelar</i>	
CAPÍTULO 8 FUTEBOL-ARTE: A PAIXÃO PELO ESPORTE COMO ESTRATÉGIA PUBLICITÁRIA.....	100
<i>Beatriz Braga Bezerra</i>	
<i>Marcella Rodrigues da Silva</i>	
CAPÍTULO 9 NARRATIVAS PUBLICITÁRIAS INTERTEXTUAIS: COMPREENDENDO O DIALOGISMO NA PUBLICIDADE	113
<i>Leonardo Mozdzenski</i>	
CAPÍTULO 10 PUBLICIDADE INFANTIL: NOTAS SOBRE A LEGISLAÇÃO VIGENTE NO BRASIL	128
<i>Manoela Pagotto Martins Nodari</i>	
<i>Priscilla de Oliveira Martins-Silva</i>	

CAPÍTULO 11 A COMPLEXIDADE DA FELICIDADE NA EDUCAÇÃO	142
<i>Cristiele Magalhães Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 12 A RELEVÂNCIA DA CONECTIVIDADE NA PROMOÇÃO DA CIDADANIA: O EMPODERAMENTO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO	155
<i>Beatrice BONAMI</i>	
<i>André Dala POSSA</i>	
CAPÍTULO 13 ALÔ AXÉ! SABERES DO CANDOMBLÉ NAS ONDAS DO RÁDIO: O LUGAR DA EDUCOMUNICAÇÃO POSSÍVEL.....	172
<i>Elis Rejane Santana da Silva</i>	
<i>Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim</i>	
<i>Aurilene Rodrigues Lima</i>	
CAPÍTULO 14 BELEZA, SAÚDE E O MEDO DE ENVELHECER: REPRESENTAÇÕES FEMININAS DOS ANOS 1960	182
<i>Ivania Skura</i>	
<i>Cristina Satiê de Oliveira Pátaro</i>	
<i>Frank Antonio Mezzomo</i>	
CAPÍTULO 15 CADERNOS DE PROCESSO COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE CERÂMICA E ESCULTURA: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES COMUNICATIVAS.....	194
<i>Valter Frank de Mesquita Lopes</i>	
<i>Orlane Pereira Freires</i>	
<i>Francine Rebello Pereira</i>	
CAPÍTULO 16 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O ALGORITMO DOS OUTROS SOMOS NÓS	208
<i>Sonia Regina Soares da Cunha</i>	
CAPÍTULO 17 COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA A SERVIÇO DE UMA WEB RÁDIO UNIVERSITÁRIA	227
<i>Daniela Pereira Bochembuzo</i>	
<i>Juliana Costa Neves</i>	
CAPÍTULO 18 COMUNICAÇÃO PÚBLICA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO: DEBATE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA.....	240
<i>Maria José da Costa Oliveira</i>	
<i>Heloiza Matos e Nobre</i>	
CAPÍTULO 19 CONSUMO E AMERICANIZAÇÃO: ASPECTOS CULTURAIS NA ABERTURA DE OS SIMPSONS	253
<i>Guilherme Hilgenstieler Faria</i>	
<i>Letícia Corona Fazolari</i>	
<i>Nathalia Akemi Lara Haida</i>	

CAPÍTULO 20 DISTINTAS JUVENTUDES ‘NEGOCIAM’ SUAS FLUÍDAS IDENTIDADES EM UM UNIVERSO MIDIÁTICO	268
<i>Rosana Alves de Oliveira</i>	
CAPÍTULO 21 É BEM CAPAZ! A WEBSÉRIE COMO UM REGISTRO CONTEMPORÂNEO DAS LENDAS AMAZÔNICAS.....	277
<i>Daniele Teixeira Gonzaga</i>	
CAPÍTULO 22 ECOPROPAGANDA: CLASSIFICAÇÕES E DEFINIÇÕES DA PROPAGANDA SUSTENTÁVEL – ESTUDO DE CASO DO VÍDEO AMAZÔNIA (2014) DA EMPRESA NATURA	293
<i>Ana Paula Silva Câmara</i>	
CAPÍTULO 23 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO COTIDIANO: UMA ANÁLISE DO CURTA-METRAGEM STAR CROSS’D A PARTIR DA PERSPECTIVA DAS PEQUENAS CRISES E DA FRATURA GREIMASIANA.....	307
<i>Giovana Montes Celinski</i>	
CAPÍTULO 24 HÁBITOS DE CONSUMO DE MÍDIA NO MUNICÍPIO DE TAUBATÉ – SP ...	321
<i>Monica Franchi Carniello</i>	
<i>Alan Kevin Grandine Santos da Silva</i>	
<i>Moacir José dos Santos</i>	
CAPÍTULO 25 JOVEM UNIVERSITÁRIO DA UFAC E O SEU PERFIL DIGITAL	336
<i>Aleta Tereza Dreves</i>	
CAPÍTULO 26 NATUREZA SELVAGEM E O EXISTENCIALISMO NO AUDIOVISUAL: UM ESTUDO A PARTIR DE ALBERT CAMUS E VILÉM FLUSSER.....	350
<i>Marina Pires Savioli</i>	
<i>Nádia Maria Lebedev Martinez Moreira</i>	
CAPÍTULO 27 NETNOGRAFIA E SUAS CAPACIDADES METODOLÓGICAS	361
<i>Carlos Henrique Vale de Paiva</i>	
<i>Diogo Duarte Rodrigues</i>	
CAPÍTULO 28 UMA ANÁLISE INTERNACIONAL DA PERSPECTIVA DAS MULHERES SOBRE OS CONTEÚDOS NOTICIOSOS.....	371
<i>Daniele Savietto Filippini</i>	
SOBRE OS AUTORES	385

CAPÍTULO 12

A RELEVÂNCIA DA CONECTIVIDADE NA PROMOÇÃO DA CIDADANIA: O EMPODERAMENTO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

Beatrice BONAMI

*Universidade de São Paulo,
Escola de Comunicações e Artes
São Paulo - SP*

André Dala POSSA

*Instituto Federal de Santa Catarina
Florianópolis - SC*

RESUMO: Este artigo trata da relevância da digitalização no processo de construção democrática cidadã. Através da Teoria Ator-Rede, considerará a equalização ontológica entre humanos e não-humanos, sem se apegar às essências desses dois tipos de entidades. Após delimitar suas orientações epistemológicas, será revisado o conceito de “Sociedades do Conhecimento” segundo a UNESCO,

a conceituando como aquela nutrida pela diversidade, abarcando dimensões sociais, políticas e culturais. Seguindo a linha da Organização, esta pesquisa introduzirá as Literacias de Mídia e Informação por encará-las como um direito humano à liberdade de expressão, definindo-as como competências e habilidades do Século XXI. Como resultado, espera-se contribuir para a interlocução entre os campos da Comunicação, Educação e Direitos Humanos, tendo como norte uma estruturação cívica consciente no ambiente contemporâneo conectado.

PALAVRAS-CHAVE: Literacias de Mídia e Informação, Teoria Ator-Rede, Sociedade do Conhecimento, Empoderamento, Cidadania

ABSTRACT: This article deals with the relevance of digitization in the process of democratic citizen construction. Through the Actor-Network Theory, it will consider the ontological equalization between humans and nonhumans, without being attached to the essences of these two types of entities. After delimiting its epistemological orientations, introduces the concept of “Knowledge Societies” according to UNESCO, conceptualizing it as the one nourished by diversity, embracing social, political and cultural dimensions. Following the line of the Organization, this research will introduce the Media and Information Literacy concept by considering it as a human right to freedom of expression, defining

it as competences and abilities of 21st Century. As a result, this work intends to contribute to the interlocution between the fields of Communication, Education and Human Rights, having as a north a conscious structured citizen in the connected contemporary environment.

KEY words: Media and Information Literacy, Actor-Network Theory, Knowledge Societies, Empowerment, Citizenship

INTRODUÇÃO

Os estudos contemporâneos em Comunicação se deparam com o fenômeno das “redes”, sejam virtuais ou reais. Essas texturas, por vezes representadas como constelações, possibilitam a busca e a produção de conhecimento em sua morfologia reticular e caótica. Nesse ambiente se estabelecem os atores em rede, produtores e consumidores ativos em virtude do compartilhamento de informações ou da expressão de seu conhecimento. Para esses usuários, a Internet proporciona uma gama de oportunidades no que diz respeito à educação, ao entretenimento, ao desenvolvimento profissional e à aprendizagem ao longo da vida.

Assim, o surgimento de um novo conjunto de habilidades, atitudes e comportamentos desperta a atenção de teóricos e educadores, na tentativa de assimilar essa onda que invadiu a esfera do ensino e da aprendizagem. Essas competências são as chamadas “Literacias de Mídia e Informação” (MIL) ou “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI).

Este artigo abordará a relevância do contexto digital no processo de construção e empoderamento¹ do cidadão como um pilar democrático da Sociedade do Conhecimento. Sua arquitetura baseia-se em três seções: a primeira sobre a relevância e a morfologia do contexto digital; a segunda sobre a sociedade do conhecimento que se consolida com os meios digitais, a qual exige e permite que o cidadão se empodere; e finalmente a seção que aborda o processo de construção desse indivíduo segundo as literacias de mídia e informação como um dos vieses possíveis de autonomia crítica.

A Relevância e a Morfologia do Contexto de Redes no Século XXI

As considerações acerca da internet na área da Comunicação se popularizaram na década de 1990, porém seu processo de sedimentação se apresenta por três décadas anteriores. O fato de a mídia ser onipresente, da comunicação entre os países ser necessária e a consideração desses fatores para a configuração do novo século XXI, são questões que tiveram protagonismo nesse contexto. Assim como apontado pelo sociólogo espanhol Manuel Castells (2008), o surgimento de um novo modo de desenvolvimento configura uma nova estrutura social.

Castells (2008) narra a história da transformação dos meios de comunicação e do fluxo de informação, eventos que valem ser compreendidos para melhor entender

¹ “Empoderamento” denota a ação de dar ao cidadão o poder, de modo que ele se expresse e demande suas reivindicações a partir de uma perspectiva crítica de seu cotidiano e suas necessidades. O empoderamento através da mídia, da comunicação e da informação contribui para que o cidadão tome as rédeas do controle de sua própria vida identificando seus problemas e possíveis soluções. (Fonte: *Empowerment Through Media Education*, 2008).

as ocorrências dos campos da Comunicação, Educação e dos Direitos Humanos.

Por mais que apresente uma perspectiva primordialmente tecnicista, o autor é assertivo em pontuar seu interesse na tecnologia não no âmbito da centralidade de suas operações, mas sim na sua aplicabilidade em gerar conhecimento. Não obstante, o fator comum das revoluções tecnológicas envolve a penetrabilidade nos domínios da vida humana, compondo um conjunto de fibras onde as atividades do homem são exercidas. Em uma breve retrospectiva, é interessante entender como a Internet se desenvolveu e se apropriou desse domínio.

“A inovação tecnológica não é uma ocorrência isolada” (CASTELLS, 2008, p. 73), de tal forma que a convergência das tecnologias eletrônicas no campo da comunicação interativa levou à criação da Internet, cronologicamente situada no final da década de 1960 e início da de 1970. Em seu início (época auge da corrida espacial, evento protagonista da Guerra Fria de um mundo bi polarizado), a Internet foi uma fusão estratégica militar para descentralizar o controle operacional e informacional do Estados Unidos, caso acontecesse um ataque nuclear.

Antes desse primeiro conceito da rede como um sistema invulnerável à ataques nucleares, o primeiro computador, o ENIAC, data de 1946 enquanto a primeira rede, a ARPANET, data de 1979. Em um resgate sumário, essa rede era restrita a fins militares e em 1983, contemplou fins científicos permitindo que algumas universidades americanas tivessem acesso. De ARPANET tornou-se INTERNET e em prol de sua difusão foi criada a teia mundial WWW (World Wide Web), o formato HTML para documentos em hipertexto e o URL na designação dos endereços dessa nova rede.

Esse conjunto de eventos sucessivos e contínuos trouxeram novas características como a penetrabilidade, a lógica em rede, a flexibilidade, o conhecimento como matéria prima e produto e a crescente convergência tecnológica que contempla meios analógicos e digitais. Ao considerar a relevância desse cenário no processo de empoderamento do cidadão parece importante pronunciar que no perímetro epistêmico deste artigo a tecnologia não é encarada como um fim, mas uma extensão conectiva da percepção que aparenta reconfigurar a comunicação e expressão do humano, reverberando questões de seu universo particular e atópico. Em um exercício de planificação ontológica, o protagonista não é mais o ser humano (que antes pensava-se portar o ponto de ignição do processo tecnológico).

Com esse descentramento, os actantes não humanos, orgânicos e inorgânicos criam e entonam a constituição semântica de ambientes hiperconectados. Redes (sejam digitais ou analógicas) possibilitam a busca e a produção do saber de maneira heterárquica e coletiva. Cada ator conectado é protagonista de suas ações, enquanto se torna coadjuvante de outras, sem que isso prejudique seu trabalho individual ou partilhado com outros agentes. Esse novo contexto social configura o sujeito conectado na Sociedade do Conhecimento.

A progressão da Internet como conceito e fenômeno é um item largamente

estudado pela área de interfaces sociais no Século XXI. Contudo, as diferentes interpretações sobre as funções entre humanos e não-humanos variam entre as fundamentações filosóficas e orientações epistemológicas. Neste trabalho, esse aporte é construído sobre a Teoria Ator-Rede (ANT)².

Bruno Latour (antropólogo e filósofo da ciência francês, criador dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia) lançou na década de 1980 (em associação com pesquisadores como Michel Callon e John Law) a Teoria Ator-Rede. Contudo, parece interessante conhecê-la por uma obra mais recente. Latour (2012) constrói uma introdução à Teoria Ator-Rede a partir da inquietação em definir o Social. Ao contrário do que o nome (Ator-Rede) possa sugerir, não é uma hipótese sobre a conectividade contemporânea ou sobre a ação em redes por usuários conectados. É um estudo que parte da argumentação de que pessoas (incluindo cientistas e pesquisadores) referem-se ao social como se fosse um simples adjetivo de gênero como “de madeira”, “de aço” ou “linguístico”. O termo ultrapassa essa barreira descritiva.

Comumente, o social é definido através de seu próprio radical. É como dizer que um caderno é um caderno ou, ainda, que o social é a integração do sujeito em sociedade, entendendo sociedade como uma extensão do social o que, novamente, não resolve a questão. A Teoria do Ator-Rede é considerada uma possível solução para o problema. O objetivo de Latour (2012) é mostrar, o motivo pelo qual o “social” como ingrediente especial se difere de outros e, ainda, porque ele não pode ser construído como um mero material, mas sim como uma combinação complexa de componentes fluídos. Não obstante, é importante lembrar que a definição de social acarreta na acepção de sociologia.

Sociologia significa (do grego/latim) “ciência do social”, mas há uma relação oximorosa entre o “social” e a “ciência”. A construção semântica de ambos os conceitos percorreu direções opostas ao ponto que, em certo momento da história, tornou-se difícil que eles se encontrassem, por mais que estivessem mergulhados no ecossistema humano. Latour (2000) argumenta que o homem, ao longo de sua breve história, separou os campos “Social” e “Ciência” para distinguir áreas disciplinares específicas. O autor propõe que, talvez, com os novos avanços da tecnologia e sua penetrabilidade na vida cotidiana, esses campos pudessem se juntar novamente. E nisso, sua previsão estava correta.

Em tom anedótico, Latour (2000) aponta que para “cientistas” a sociologia é menos importante, enquanto que para “sociólogos” a ciência é de inferior preponderância. Seu ponto é tentar evidenciar que em todo “evento social” há fatos científicos e vice-versa. Há uma simbiose entre esses campos epistemológicos, sendo preciso romper barreiras para que ofereçam um estudo integrado e transdisciplinar entre ambas as

² A sigla aqui permanece na sua referência em inglês *Actor Network-Theory* – ANT e não TAR (possibilidade de tradução para o português), já que remete à palavra do inglês “*ant*” (formiga).

áreas. A tentativa de definir o “social” e a “ciência” como campos inertes tem sido, como diz o próprio autor, “uma comédia de erros” (LATOURE, 2000, p. 114).

Sua crítica aos campos epistemológicos estanques, diz respeito diretamente ao que o autor denomina como corpos híbridos ou quase-humanos ou quase-objetos entre os polos social e natural³.

“Eu tenho usado o termo ‘ciência social’ ao invés de ‘sociologia’. Isso não saiu de um *hubris* (determinismo), mas simplesmente por cada ciência social ter sua contrapartida na ciência natural, exceto na sociologia. Mais especificamente, até o advento dos Estudos em Ciência e Tecnologia (STS), cada ciência social foi confrontada com seus próprios limites disciplinares pela questão do que uma ‘coisa’ é. Só a sociologia pareceu escapar desse destino. Há uma geografia física e humana e uma antropologia física e social (ou cultural)” (LATOURE, 2000, p. 120 – Tradução Nossa)

A Teoria Social é a Teoria Ator-Rede e com a ANT, as Ciências Sociais têm um novo conjunto de objetos a serem estudados. Latour (1994, 2000) foi capaz de demonstrar que a ciência social inclui as atividades dos atores não-humanos e que de fato são autores de discursos no domínio social. Há teóricos que desaprovam a hipótese de Latour, julgando improvável que os cientistas, em especial os naturais, abandonem as distinções entre humanos e não-humanos.

Afinal, a questão proeminente sobre o trabalho de Latour é sobre o tipo de ação executada pelos agentes não-humanos. Mas antes, ao que se refere o termo “não-humano”? Responder essa pergunta não é uma tarefa fácil, visto que os próprios proponentes da ANT são reticentes em fornecer uma resposta sintética e precisa sobre as instâncias da teoria. Como primeira análise, o termo “não-humano” retoma o fato de um objeto estar situado em oposição ontológica a um ser humano, de maneira que ambas as entidades recebam diferentes tratamentos.

Contudo, o “ator” é associado ao termo “actante”⁴ para abranger a ação tanto de agentes humanos, quanto não-humanos. Porém, a dicotomia entre a natureza das entidades é cada vez mais irrelevante na ANT. O conceito de hibridismo assume sua potência quando considera o ponto de ignição da ação o fenômeno mais importante e não a natureza do agente. É uma atenção direcionada ao curso da ação e sua conexão com outros rastros. A noção de actante abrange qualquer tipo de entidade que apareça na rede para mediar ou intermediar uma ação, concepção proeminente ao se tratar da Era da Informação, onde interfaces e computadores são cada vez mais autônomos em suas funções.

3 Latour (1994) define que a separação disciplinar da ciência e do social acarretou em dois polos: o social e o natural, através dos quais ele desenvolve o conceito de antropologia assimétrica que é, em outras palavras, a ciência que compara aquilo que não pode ser comparado.

4 Latour (2001) sugere o uso da palavra actante baseado na semiótica para incluir não-humanos na definição de ator e não se restringir a humanos.

A palavra “Rede” é uma maneira informal de associar esses agentes, uma ferramenta de descrição, um fluxo de translações rastreável, conectado e ativo (o que não age, nela não existe). Ela não é feita de fios ou fibras: ela é o traço deixado por um actante em movimento. A partir de Latour (2012), é possível supor que o Social é a agregação de coletivos que deixa o desenho da ação de actantes – mediadores e intermediários – dentro de um grupo em um fluxo contínuo não linear. A Teoria Ator-Rede é, em linhas gerais, uma equalização entre humanos e não-humanos, sem se apegar às suas essências, mas considerando suas agregações.

As ações configuram fatos, aos quais o pesquisador observa e os descreve. Latour (2012) coloca que a ANT é uma teoria de como estudar as coisas e não para ser aplicada. Sobre como conceder aos atores espaço para se expressarem. Ela não detecta que os atores estão em rede: outras teorias já fazem isso. Uma rede é usada para descrever e por isso tantas pessoas as confundem (já que tentam observar uma rede descrita): “rabiscar com um lápis não é o mesmo que rabiscar a forma de um lápis” (LATOURE, 2012, p. 207).

Por mais que não se trate da rede como artefato digital, esboça o Social como um conjunto de associações observadas pelo pesquisador. Contudo, sendo o âmbito deste trabalho no Século XXI, a conectividade assume um importante cenário incorporando a cibercultura.

Segundo Lemos (2013) a cibercultura, ou a cultura que emerge do uso de dispositivos digitais, diz respeito à ANT por se tratar dessa interlocução entre “coisas” (máquinas e dispositivos) e “humanos” e pela teoria ser capaz de abarcar a ação desses agentes em uma ontologia plana⁵. A cultura digital incorpora esses conceitos, justamente por sua dinâmica e sua relação direta com o rápido desenvolvimento tecnológico.

Para o humanista Pierre Lévy (1999), no ambiente da cibercultura, as mensagens se encontram mergulhadas num banho comunicacional fervilhante de vida, incluindo as próprias pessoas, do qual o ciberespaço surge progressivamente. A cibercultura demanda uma nova concepção de produção do conhecimento em ambientes “emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva” (LÉVY, 1999, p. 158).

O ciberespaço é, de acordo com Lévy (1999), fruto de um movimento social onde predominam três princípios orientadores: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. As plataformas de comunicação têm evoluído de tal forma, que se passou de uma configuração linear para a hipermediática e descentralizada.

Felice (2013) versa sobre a topologia das atividades nas redes ter se alterado desde sua criação até a maneira tal como se configura atualmente. O autor parte

⁵ Ontologia Plana elaborada por Latour (1994, 2012) trata do estudo do ser (a ontologia) que considera todos os seres equitativos (sendo a igualdade fonte da metáfora de um relevo plano).

de Castells (2008) para trazer cinco distinções das principais características da sociedade em rede: “a informação, a flexibilização da produção, a lógica reticular, a difusão e a convergência das tecnologias digitais da comunicação” (FELICE, 2013, p. 52). Em uma leitura holística, o alto fluxo da informação flexibiliza os modos de produção de conteúdo (o que leva à ampliação do conhecimento) que são amplamente distribuídos através da difusão e convergência das tecnologias digitais e analógicas da comunicação. Passa-se

“De um modo de produção burocrático e verticalizado para uma estrutura reticular e horizontal, característica de um novo paradigma comunicativo e produtivo na qual o acesso às redes e a possibilidade de troca informativa são fatores determinantes para inclusão na sociedade da informação” (FELICE, 2013, p. 53).

Através da identificação de uma rede com uma topologia heterárquica e horizontal, a cultura da convergência, a cibercultura e a inteligência coletiva podem ser encaradas como propriedades emergentes entre as entidades orgânicas e inorgânicas no processamento de informações. Tais conceitos aparentam contribuir para a mudança de poder do indivíduo para o coletivo.

Sociedades do Conhecimento

Assim como apontado na seção anterior, as Ciências Sociais Aplicadas (como campo epistemológico transdisciplinar) não só mais tratam dos humanos, mas do ecossistema digital que abarca humanos, não-humanos e híbridos produzindo e consumindo em uma rede fluida e dinâmica.

Parece possível afirmar que se vive em uma sociedade do conhecimento que abriga um cidadão cada vez mais emancipado em seu processo político e educacional. Porém, para investigar a expressão “Sociedade do Conhecimento” é relevante indicar que esse binômio é construído como uma manifestação histórica e social.

Burke (2003, 2012) traz o panorama do “Conhecimento” como um conceito socialmente construído em uma revisão focada a partir dos primórdios da Europa Moderna até a contemporaneidade (de Gutenberg ao Google como o autor gostaria de propor). O autor afirma que se vive em uma sociedade do conhecimento ou da informação em que existem profissionais e consumidores específicos desse campo e, com a era digital, a informação se tornou um mote desejável no mercado de trabalho e nos diretórios de pesquisa de influentes universidades do mundo. O Conhecimento ganhou tal força, que segundo seu relato, são poucas as atividades que não exigem sua produção, veiculação ou recuperação nas esferas corporativa e acadêmica.

Esse cenário se reflete no campo da Educação que, ao longo do Século XX e XXI não mais se restringiu na perpetuação desengajada de informação, se preocupando com a resposta do aprendiz e com quais habilidades ele é capaz de desenvolver para se expressar e construir autonomamente seu entorno político.

As considerações acerca de uma construção social do conhecimento tiveram como protagonismo a Europa e os Estados Unidos. Segundo Burke (2003) esse protagonismo (ou monopólio) se espelhava na figura dos acadêmicos e intelectuais (aos quais ele se refere como “inteligência flutuante” inspirado pelo sociólogo húngaro Karl Manheim). Segundo o autor, isso se justifica pelo meio universitário se constituir como uma bolha, a qual permite a seus integrantes que olhem para a “sociedade” com distância suficiente para diagnosticar suas virtudes, suas características e seus vícios, evocando a sociologia do conhecimento “como uma análise social dos obstáculos no caminho de nossa descoberta da verdade” (Burke, 2003, p. 14)

Burke (2003) se aproxima do antropólogo Lévi Strauss e seus estudos sobre “totemismo” (e suas nuances entre concreto e abstrato em uma comunidade) para se referir à oposição entre “cru” e “cozido” (baseada em sua observação de ritos ameríndios) a fim de designar a informação como aquilo que é cru e o conhecimento como aquilo que é cozido, assumindo o processamento da informação como matéria prima do conhecimento.

Posteriormente, Burke (2012) assume que pelos desbalanços econômicos, políticos e sociais que o global é suscetível, o processo de tecnologização parece ter avançado sem maiores obstáculos e encontrado a penetrabilidade suficiente para sua subsistência (perspectiva concernente ao apontado por Castells). Em meio à emergência digital há a inundação da informação nas esferas da vida humana e vale resgatar a observação de Burke (2003) sobre o interesse do mundo moderno no “conhecimento adquirido” em conflito a um mundo contemporâneo interessado no “conhecimento construído” e em constante transformação.

Essa concepção dialoga com o fato do conhecimento não ser posse ou construído por um agente singular ou unitário, o que historicamente se sedimentou como o processo de autoria e patente. Sob essa perspectiva, é possível reconhecer sua dimensão colaborativa e transnacional onde os limites geográficos e individuais se dissolvem com as dimensões reais e virtuais da Internet.

Inspirada pelos estudos pertinentes a esse tema, em 2005 a *United Nations of Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) se mobilizou para construir um material que esclarecesse os conceitos de “Sociedade da Informação” e do “Conhecimento”, por caracterizarem a configuração social na cultura do compartilhamento no novo milênio.

O conceito “Sociedade do Conhecimento” foi cunhado pelo acadêmico Peter Drucker em 1969. A ideia emergiu concomitantemente à noção de “Sociedades de

Aprendizagem” e “Aprendizagem Permanente”. Ainda, essa ideia é inseparável dos estudos da sociedade da informação, cujas premissas apareceram com o crescimento da cibernética.

Segundo a UNESCO, Sociedade do Conhecimento é aquela nutrida pela diversidade e empoderamento, abarcando dimensões sociais, políticas e culturais mais amplas, enquanto a ideia da Sociedade da Informação é baseada nas inovações tecnológicas. Contudo, é um contexto múltiplo com uma ampla gama de formatações pautado na convergência e multiplicidade do ser humano nas suas esferas da vida. A importância do pensamento educativo e crítico aparenta sublinhar os prospectos elaborados pela Internet, ao mesmo tempo em que valoriza meios de midiáticos e informacionais tradicionais e analógicos.

A promoção da multiplicidade e da diversidade cultural e linguística denota nutrir as sociedades do conhecimento emergentes. Isso preenche não só um imperativo ético abstrato, mas o crescimento da conscientização dos direitos humanos universais⁶.

“O desenvolvimento humano e a abordagem centrada no empoderamento, implícita no conceito de sociedades do conhecimento, devem assegurar que os direitos humanos sejam liberdades fundamentais e implementados mais completamente, enquanto trabalham com efetividade contra a pobreza e a favor do quadro de desenvolvimento político. A conexão entre o conhecimento e o desenvolvimento é fundamental nas sociedades do conhecimento – sendo o conhecimento uma ferramenta para a satisfação das necessidades econômicas e um componente de desenvolvimento. A dinâmica política, econômica e social no coração da emergência das sociedades do conhecimento oferece uma ilustração da indivisibilidade entre os esforços de luta contra a pobreza e promoção dos direitos políticos e civis” (UNESCO, 2005, p. 28 – Tradução Nossa)

Sociedades em rede e do conhecimento na era da informação promovem uma, presumível, conscientização dos problemas globais, sendo o conhecimento uma ferramenta potente no combate contra a pobreza, enquanto sua luta não for limitada à provisão de infraestruturas ou promoção de mecanismos institucionais em países menos desenvolvidos.

Hoje, a expressão “Sociedades do Conhecimento” se tornou um quadro para reflexão. Contudo, segundo a UNESCO (2005), é preocupante que as pesquisas (acadêmicas e tecnológicas) nas áreas de educação, ainda sejam dependentes de uma visão fragmentada sobre as interações existentes e de um forte determinismo tecnológico, a exemplo do fosso digital, um desafio que se estabelece em grande

⁶ A importância dos direitos humanos se traduz na ênfase particular dos artigos 1º, 26, 27 e 29 da DUDH, 1948.

parte dos países em todos os continentes (em maior ou menor amplitude).

A fissura de conhecimento é enraizada nas desigualdades globais e na distribuição do potencial cognitivo e a provisão de acesso não ultrapassa esse fosso, sendo necessário direcionar a atenção para a formação das habilidades cognitivas e dos quadros regulatórios equipados para produção de conteúdo. Parece importante adotar uma abordagem que supere as morfologias técnicas e se dedique à promoção de competências e habilidades que equipem o cidadão para que ele se construa um indivíduo autônomo e politicamente engajado.

Literacias de Mídia e Informação (Media and Information Literacy - MIL)

As Nações Unidas trazem desde sua fundação, em 1945, sua missão e propósito para com a humanidade sob a máxima “desde que a guerra se inicia nas mentes dos homens, são nas mentes dos homens que a defesa e o fundamento da paz devem ser construídos” (2013, p. 44 – Tradução Nossa). Por mais que conflitos armados estejam presentes ainda hoje, as literacias de mídia e informação são um conflito mais suave ou, como a própria organização coloca, “uma batalha da mente” (2013, p. 44 – Tradução Nossa). Se a compreensão, os mal-entendidos ou a falta de entendimento dos provedores de mídia e informação começam na mente do ser humano, é ela que precisa ser empoderada e as MIL podem ser um caminho para isso.

A palavra “*literate*” em sua covalência ao termo “alfabetização” ou “letramento” se refere à habilidade básica de escrever sobre uma superfície com uma caneta, pincel ou lápis para compreender a informação ali representada. Com o advento da prensa e a subsequente educação de massa e bem recentemente a Internet, o conceito “*literacy*” foi reelaborado e expandido, se distanciando de seus sentidos originais, se referindo a novas habilidades e competências. No Brasil, há uma tendência que opta em usar como tradução uma expressão mais literal como “literacia” a qual, baseada nesse contexto, denota o desenvolvimento dessas novas lógicas emergentes.

Agora, “*literacy*” inclui a compreensão crítica associada com características dos formatos particulares da mídia e da informação, bem como com o processo cognitivo, com o conhecimento e com atitudes e habilidades necessárias no Século XXI:

“É a habilidade de identificar, compreender, interpretar, criar, e computar, usando materiais impressos e escritos associados em variados contextos. Envolve um aprendizado contínuo em possibilitar que indivíduos alcancem seus objetivos, desenvolvam seus conhecimentos e potenciais para participar de uma comunidade e da sociedade” (UNESCO, 2013, p.45 – Tradução Nossa)

O cenário da sociedade em rede reverbera esse panorama, tal como justifica Passarelli (2010), quando versa sobre o uso dessa expressão definindo-a como o conjunto de capacidades e habilidades sobre o uso da informação de maneira efetiva e criativa.

“Na passagem da cultura letrada à cultura das mídias e da convergência, marcada pela não linearidade e pela interatividade, o conceito de literacia se expande, abrangendo as competências do usuário para explorar esse potencial multimídia. Os letrados da sociedade em rede são aqueles capazes de ler, escrever, interagir, comunicar-se por meio dessa linguagem multimídia, reconhecendo as práticas sociais e gêneros textuais que envolvem cada elemento dessa interface” (PASSARELLI, 2010, p. 73)

A reboque do afirmado por Passarelli (2010) é interessante pontuar que a opção pelo uso da tradução literal do termo “*literacy*” aparenta fazer sentido nas atuais configurações sociais, culturais, políticas, econômicas e educacionais. Contudo, como apontado por Williams (2008), palavras têm seu significado contextualizado e ao usá-las, é prudente considerar os cenários que as acompanham e, por isso, se preza pela contextualização do uso da palavra literacia.

Algumas disparidades estão presentes na esfera do termo que são frutos, também, da emergência do contemporâneo conectado em países com diferentes realidades econômicas, políticas e culturais. A UNESCO reconhece que não sabe o impacto que as tecnologias emergentes e sua potencial convergência pode ter em cada indivíduo no futuro, bem como sobre a comunicação e a construção das sociedades do conhecimento.

Com isso, há um movimento global que defende mídias, informações e tecnologias digitais não como temas a serem trabalhados, mas como novas formas de raciocínio que privilegiam o aprendizado significativo e o entretenimento associado à potência política de cada indivíduo. Novos fenômenos exigem novas competências e habilidades e por isso é preciso encorajar os cidadãos a desenvolvê-las.

Ainda assim, existem abismos que não foram transpostos, tal como o “*gap*” econômico e digital entre os hemisférios norte e sul. Alcançou-se um ponto em que a educação, só ela, não é capaz de transpor esse espaço, pela profunda estratificação social, afetando pragmaticamente o funcionamento das redes, a começar por questões técnicas de provisão de acesso e *hardware* (pelo menos no Brasil). Atores em rede têm demonstrado potencial para reduzir essa fissura e transpô-la ao longo do tempo. A convergência das mídias (desenvolvida a partir da multimídia) torna híbridas as novas tecnologias, informações e comunicações, embarcando-as na interatividade.

As literacias digitais, de mídia e da informação respondem aos desafios trazidos por esse fenômeno que requer criatividade. Esse processo proporciona experiências

em relação à democracia e ao ativismo social, uma vez que “as Literacias de Mídia e Informação vieram à tona como um elemento fundamental nos esforços para construir uma sociedade bem formada e sustentável em mídia e em informação” (CARLSSON, TAYIE, JACQUINOT-DELAUNAY *et al.* 2008, p. 24 – Tradução Nossa).

A UNESCO uniu ambas as Literacias de Mídia e de Informação em um só conceito, por encará-las como um direito humano à liberdade de expressão. Em sua construção que, de acordo com Bonami (2016) data desde da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, as MIL reconhecem o papel primordial da informação e dos meios de comunicação, encontrando-se como um conceito complexo no centro da liberdade informacional (o direito ao acesso). Elas abarcam conhecimento, habilidades e atitudes que possibilitam os cidadãos a:

- Compreender o papel e as funções da mídia e outros provedores de informação em sociedades democráticas;
- Compreender as condições em que essas funções podem ser cumpridas;
- Reconhecer e articular a necessidade da informação;
- Localizar e acessar informações relevantes;
- Avaliar criticamente a informação e o conteúdo de mídia e outros provedores de informação, incluindo aqueles da Internet em termos de autoridade, credibilidade e propósito corrente;
- Extrair e organizar conteúdos informacionais e midiáticos;
- Sintetizar ou operar sobre as ideias abstraídas do conteúdo;
- Comunicar com ética e responsabilidade a compreensão do conhecimento criado para a audiência ou leitores em forma ou meio apropriada;
- Ser capaz de aplicar as habilidades em TICs no processo da informação e produzir um conteúdo gerado por usuários; e
- Engajar com a mídia e outros provedores de informação, incluindo aqueles na Internet em prol da auto expressão, liberdade de expressão, diálogo intercultural e participação democrática. (UNESCO, 2013, p. 14 – Tradução Nossa)

Sua construção semântica é aderente a outras habilidades que, segundo a UNESCO, são proeminentes na formação de um cidadão crítico e autônomo no Século XXI. Na Figura 1, é possível observar sua ecologia a partir das capacidades potencialmente desenvolvidas.



Figura 1: Ecologia das MIL: noções. (UNESCO, 2013, p. 54 – Tradução Nossa)

Em sua dimensão conceitual, as MIL são formuladas sobre a cultura da convergência e se integra como um engajamento cívico. Seus benefícios podem ser sumarizados: na participação mais ativa e democrática, na conscientização das responsabilidades éticas para a cidadania global e na prática do diálogo intercultural. Na Figura 2, podem ser identificados os temas que compõem a esfera conceitual da expressão.

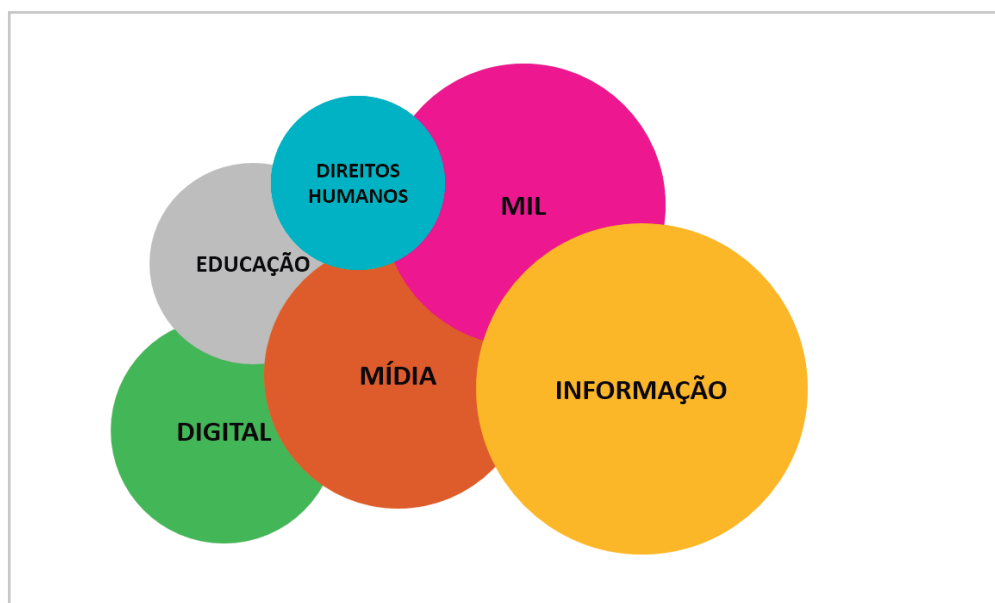


Figura 2: Cores correspondentes aos temas com círculos proporcionais ao volume de materiais encontrados por cada tópico. (FONTE: Bonami, 2016)

Recentemente, a UNESCO pontuou uma necessidade de mudança na educação, colocando as MIL como um dispositivo dessa transformação em prol da construção da ponte entre o aprendizado que ocorre na sala de aula e o que ocorre no espaço digital. Esse conjunto de habilidades e competências também equipa professores a fim de que estejam aptos a motivar seus aprendizes.

A hipótese da UNESCO é que uma sociedade desenvolvida em MIL é capaz de promover o desenvolvimento transmídia livre, independente e pluralista em sistemas informacionais abertos. É de presumível importância a pontuação das políticas em MIL pelo fato das competências em mídia e informação possibilitarem que seus cidadãos saibam seus direitos midiáticos e informacionais e suas responsabilidades equitativas para demandar o direito de acesso livre.

Naturalmente, o processo de incorporação efetiva desse quadro de iniciativas tem sua perspectiva política, sendo relevante a coordenação de distintas áreas relacionadas com a educação e regulação midiática e informacional, incluindo: infraestrutura, sistemas regulatórios e privacidade. Na Figura 3 é possível vislumbrar o modelo de plano de ação utilizado pelas Nações Unidas partindo da visão (como um espaço subjetivo) desenvolvendo-se até a aplicação (como uma iniciativa pragmática e contextualizada com as redes locais).

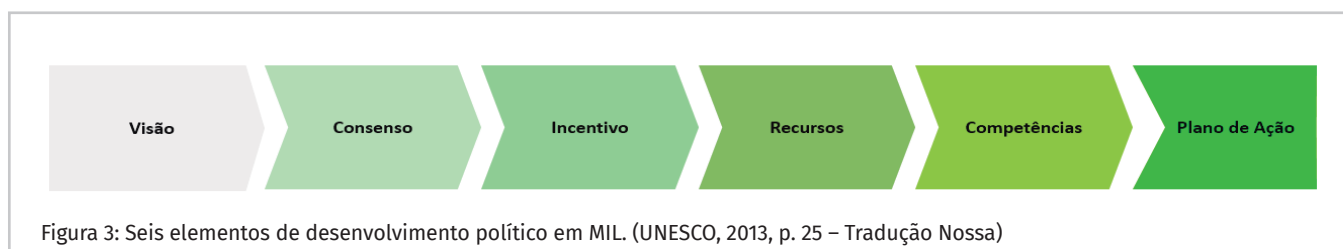


Figura 3: Seis elementos de desenvolvimento político em MIL. (UNESCO, 2013, p. 25 – Tradução Nossa)

As MIL são promotoras do diálogo intercultural. Ele acontece pela interlocução entre diferentes grupos culturais, partindo do princípio que seus interlocutores escutem as perspectivas dos diversos pontos de vista. O diálogo intercultural é uma tentativa que proporciona o pluralismo da mídia e o livre fluxo informacional. Associado às MIL, conduzem os cidadãos ao desenvolvimento de habilidades para se engajarem nesse contexto e se expressarem com autonomia e poder.

“As literacias de mídia e informação nesse contexto são, portanto, um fator de ludicidade, liberação e empoderamento das faculdades humanas oferecendo uma oportunidade para adquirir novas habilidades, maior nível de consciência e autonomia pessoal e cívica” (UNESCO, 2008, p. 6 – Tradução Nossa)

A tentativa de postulá-las é uma iniciativa na direção de uma educação que seja complacente com as habilidades do Século XXI e com a Sociedade do Conhecimento. Cidadãos (crianças, jovens ou adultos) são potenciais actantes nos veios digitais e o entretenimento aparenta se concretizar como práticas de lazer, mas também de aprendizagem e de formação política e cidadã. A consideração de habilidades, de

diferentes tipos de aprendizagem e de valores pessoais e sociais, faz com que as MIL na era digital se tornem práticas de engajamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Literacias de Mídia e Informação são uma abordagem recentemente desenvolvida (desde 2008) que leva em consideração as novas culturas que emergem da sociedade da informação e do conhecimento. Apesar da polifonia terminológica, é notável que pesquisadores dos estudos da ecologia da mídia ao redor do mundo estão contribuindo para o desenvolvimento dessas novas práticas de construção cidadã. Sua associação ao campo de Educação e Direitos Humanos se assume por essas competências serem prerrogativas de um espaço que aparenta exigir esse tipo de comportamento, o que leva essa morfologia até as salas de aula de ensinamentos formal, informal e não-formal.

No Brasil, essa proposta tem sido estudada desde 2013, quando a UNESCO em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) veicularam o “Currículo para Formação de Professores em AMI” (2013)⁷. As pautas de discussão sobre esse assunto se difundiram a tal ponto que em 2016, a UNESCO promoveu seu encontro anual do “Programa de Alianças Global em Literacias de Mídia e Informação” (GAPMIL - 2016) na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Portanto, a superfície desse tema tem crescido e já há alguns trabalhos brasileiros que promoveram a ampliação dessa área do saber.

Naturalmente, os desafios são superados, renovados e carregam amplitudes e particularidades de acordo com as nações contempladas, até pelo fato de que o “conceito de MIL carece por um olhar latino-americano em sua formulação” (BONAMI, 2016, p. 175). A pontuação acerca dessa deficiência é mais um fator a ser considerado na tentativa de traçar um caminho para a emancipação da pesquisa brasileira pertinente às MIL.

Sumarizando, esse trabalho trouxe um panorama geral sobre uma morfologia da comunicação e educação associada aos prospectos libertários da expressão humana, à criatividade e ao posicionamento cívico, perspectiva aparentemente relevante levando em consideração os novos modos de acessar e de praticar a sociabilidade. Sua senda construída pela Teoria Ator-Rede, pela Sociedade do Conhecimento e pelas Literacias de Mídia e Informação foi uma tentativa de conformar um campo onde a sociabilidade associada ao processo de ensino pode ser estudada, já que essa pauta tem sido discutida no contexto do campo epistemológico da Comunicação na América Latina.

⁷ Alfabetização Midiática e Informacional (AMI): currículo para formação de professores. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002204/220418por.pdf>

REFERÊNCIAS

- BONAMI, Beatrice. **A Transdisciplinariedade das Literacias Emergentes no Contemporâneo Conectado**: um mapeamento do universo documental das Literacias de Mídia e Informação (MIL). Dissertação de Mestrado apresentada à ECA/USP, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-09032017-143021/>
- BURKE, Peter. *Uma Construção Social do Conhecimento . I: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BURKE, Peter. *Uma Construção Social do Conhecimento . II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CARLSSON, Ulla. TAYIE, Sammy. JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. TORNERO, PÉREZ, José Manuel. **Empowerment through Media Education: an intercultural dialogue**. Nordicom: Göteborg, Sweden, 2008.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Editora Paz e Terra: São Paulo, 2008.
- DI FELICE, Massimo. Ser Redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. In.: **Revista Matrizes**, Ano 7, n. 2, 2013.
- LATOUR, Bruno. **A Esperança de Pandora**: ensaio sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.
- LATOUR, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator Rede. Salvador – Bauru: EDUFBA – UFSC, 2012.
- LATOUR, Bruno. *When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences*. In.: **British Journal of Sociology**. Vol. No. 51 Issue No. 1 (January/ March 2000) pp. 107–123 ISSN 0007 1315 © London School of Economics 2000
- LEMOS, André. **A Comunicação das Coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Anna Blume, 2013.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PASSARELLI, Brasilina e AZEVEDO, José (orgs.). **Atores em rede: olhares luso-brasileiros**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- UNESCO. **Media and Information Literacy: policy and strategy guideline**. Paris, França: UNESCO, 2013, 192 pp. Acessado em: 10/07/2016. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225606e.pdf>
- UNESCO. **Teacher Training Curricula for Media and Information Literacy**. Paris, França: UNESCO, 2008, 31 pp. Acessado em: 14/07/2016. Disponível em: http://portal.unesco.org/ci/en/ev.php-URL_ID=27064&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=-465.html
- UNESCO. World Report: **Towards Knowledge Societies**. Paris, França: UNESCO. 2005, 220 pp. Acessado em: 12/07/2016. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001418/141843e.pdf>
- WILLIAMS, Raymond. **Palavras – Chave**. São Paulo: Editora BoiTempo, 2008.

Sobre os Autores

Alan Kevin Gandine Santos da Silva Graduando em Jornalismo pela Universidade de Taubaté

Aleta Tereza Dreves Professora Assistente de Ensino do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – UFAC e Assessora de Comunicação da Universidade Federal do Acre – UFAC. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Faculdade de Pato Branco – FADEP em 2004. Especialista em Informática em Educação pela Universidade Federal de Lavras – UFLA em 2008. Mestre em Televisão Digital: informação e conhecimento pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP em 2015. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Paraná. (2018); Pesquisadora dos seguintes grupos de pesquisa CNPq: Comunicação, Cultura e Sociedade (UFAC) atuando na linha de pesquisa Comunicação, Mídias Digitais e Juventude (pesquisadora); Pensamento Comunicacional Latino-Americano (UNESP) atuando nas seguintes linhas: Gestão da Informação e Comunicação para Televisão Digital e Comunicação Digital e Interfaces Culturais na América Latina (estudante). E-mail para contato: aleta.ac@gmail.com ou aleta.dreves@ufac.br

Ana Paula Silva Câmara Formação Específica em Produção de Eventos Culturais pela Universidade da Amazônia – Belém – Pará. Formação Tecnológica em Produção Publicitária pela Faculdade Tecnológica da Amazônia – Belém – Pará. Graduação: Bacharelado em Publicidade e Propaganda pela Universidade da Amazônia – Belém – Pará. Pós-graduação: MBA – Formação Executiva em TV e Cinema pela Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro – RJ. E-mail para contato: anapaulascamara@gmail.com

André Dala Possa - professor na área de tecnologias educacionais do Centro de Referência em Formação e EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (CERFEAD/IFSC). Possui bacharelado em comunicação social com habilitação em jornalismo e licenciatura em sociologia; mestre em ciências sociais e doutorando em ciências da comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Desenvolve pesquisa netnográfica sobre o comportamento comunicacional de estudantes entre 15 e 18 anos na relação diária entre smartphone, computador, sala de aula e rotinas de rua.

Aurilene Rodrigues Lima Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (1990), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2004) e cursa o doutorado em Ciências da Comunicação na

ECA - Escola de Comunicação e Artes da USP - Universidade de São Paulo. Exerce a função de professora assistente da Universidade do Estado da Bahia. Área de pesquisa: caatingueiros do sertão da Bahia. e-mail: aurilene.rl@bol.com.br

Beatrice Bonami – pesquisadora do Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão Escola do Futuro da Universidade de São Paulo. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM-ECA/USP). Possui Mestrado pelo PPGCOM-ECA/USP e Graduação em Artes Visuais e Comunicação pela Universidade Federal de Uberlândia. Atua há 7 anos com pesquisas na área de Literacias de Mídia e Informação, Inclusão Digital, Plataformas de Recursos Educacionais Abertos e Design Thinking na área de Educação à Distância e Presencial.

Beatriz Braga Bezerra: Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pernambuco; Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutoranda em Comunicação e Práticas do Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing; Integrante do Grupo CNPq de Pesquisa em Subjetividade, Comunicação e Consumo do PPGCOM/ESPM; Bolsista Prosup Integral pela Capes; E-mail para contato: beatriz.braga@hotmail.com.

Carlos Henrique Vale de Paiva Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Estácio de Sá (2017). Atualmente é assessor em comunicação da Associação de Docentes da Estácio de Sá (ADESA). Atua na publicação científica Dissertar desde 2015. Tem experiência na área de Comunicação com ênfase na produção editorial, Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas ao ensino superior.

Cristiele Magalhães Ribeiro Professor da Universidade La Salle – Canoas / RS; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade La Salle; Graduação em Comunicação Social – Relações Públicas pela Universidade Federal de Santa Maria; Mestrado em Administração e Negócios – Marketing pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Doutorado em andamento em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil; E-mail para contato: rcristiele@hotmail.com

Cristina Satiê de Oliveira Pátaro Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e

Desenvolvimento e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão. Doutora em Educação e Bolsista Produtividade pela Fundação Araucária. crispataro@gmail.com

Daniela Pereira Bochembuzo Professora da Universidade do Sagrado Coração; Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina; Mestrado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Grupo de pesquisa: Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM) E-mail para contato: daniela.bochembuzo@usc.br

Daniele Savietto Filippini Professor da Universidade Unip Graduação em Comunicação Social com ênfase em Rádio e TV pela Universidade Metodista; Mestrado em Comunicação e Jornalismo pela Universidade de Coimbra; E-mail para contato: danisavietto@hotmail.com

Daniele Teixeira Gonzaga Graduação em Comunicação Social: Rádio, TV e Internet pela Universidade Centro Universitário do Norte - UNINORTE; E-mail para contato: adanigonzaga@hotmail.com

Diogo Duarte Rodrigues Graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda (UNESA), especialização Master Digital Design em Mídias Interativas (INFNET) e é Mestre em Ciência da Informação (IBICT/UFRRJ). Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente em internet, marketing e publicações digitais. É professor universitário desde 2010, participando ativamente nos cursos de Comunicação Social, Web Design e Marketing. Atualmente, é coordenador dos cursos superiores de tecnologia em Marketing e em Design Gráfico, da UCB.

Ediana Abreu Avelar Professora adjunta dos cursos de Jornalismo e Publicidade da Universidade Veiga de Almeida e Centro Universitário Augusto Motta; Graduada em Comunicação Social pela FACHA/RJ; Mestrado em Educação pela UCP/RJ; Doutoranda em Ciência Política pelo IUPERJ; Grupo de Pesquisa em Qualidade em Comunicação – CNPq; E-mails para contato: ediana.avelar@uva.br e ediana@souunisuam.com.br

Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Possui Mestrado em Tecnologias da Informação e Comunicação na Formação em EaD pela Universidade Federal do Ceará (UFC 2007); É professora assistente da Universidade do Estado da Bahia. UNEB. Atualmente participa dos grupos de pesquisa da GESC³. Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo

(Casa Sêmio - São Paulo); ABpN (Associação Brasileira de Pesquisadores Negros) e NEIEF (DCH III) em Educação Infantil e Ensino Fundamental nas áreas de comunicação e novas tecnologias com alunos e orientandos na área de negritude, comunicação e novas tecnologias. e-mail: eliasimeia@yahoo.com.br

Elis Rejane Santana da Silva Doutoranda do PPGCOM/USP. Possui mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental - Uneb (2012). Atualmente é professora assistente da Universidade do Estado da Bahia, professora colaboradora (LICEEI) da Universidade do Estado da Bahia, com ênfase de atuação principalmente nos seguintes temas: educação matemática; ensino, pesquisa extensão em educação; ecologia humana e comunicação. e-mail: elisseco@gmail.com

Erika Savernini Professor da Universidade da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Graduação em Comunicação Social, habilitação em Radialismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestrado em Artes Visuais - Cinema pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Doutorado em Artes - Cinema pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Grupo de pesquisa: líder do grupo Estética e Pensamento Cinematográfico; E-mail para contato: erika.savernini@uffj.edu.br

Francine Rebelo Pereira Servidora da Universidade Federal do Amazonas; Técnica do Laboratório de Cerâmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas; Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas; E-mail para contato: franciz_am@yahoo.com.br

Frank Antonio Mezzomo Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Estadual do Paraná, câmpus de Campo Mourão. Doutor em História, Líder do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder e Editor da Revista NUPEM. frankmezzomo@gmail.com

Giovana dos Passos Colling Graduanda em Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail para contato: giovanacolling@gmail.com

Giovana Montes Celinski Professora de Jornalismo da Faculdade Secal e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade

Tuiuti do Paraná (UTP); Graduação em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual do Paraná; Mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná; Grupo de Pesquisa: Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais – INCOM (UTP)

Guilherme Hilgenstieler Faria Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo

Heloiza Matos e Nobre Professor da Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGCOM - da Universidade de São Paulo; Graduação em Jornalismo pela Universidade de Juiz de Fora; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Pós-Doutorado pela Université Grenoble III FRANCE; Grupo de pesquisa: Compol – Comunicação Pública e Política, como coordenadora do grupo, desde 2010. Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq até 2010; E-mail para contato: heloizamatoss@gmail.com

Ivania Skura Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná. Mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná e Graduada em Comunicação Social pelo Centro de Ensino Superior de Maringá. Integrante dos Grupos de Pesquisa Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais - INCOM (UTP) e Cultura e Relações de Poder (UNESPAR). ivaniaskura@hotmail.com

Ivon Mendes de Barros. Mestre em Comunicação Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi; especialista em Fundamentos das Artes e da Cultura pela UNESP; graduado em Educação Artística com habilitação em teatro pela ECA-USP e FAMOSP. Foi professor na Universidade Anhembi Morumbi, na Universidade de Sorocaba e na Faculdade Mozarteum. Deu aulas de Maquiagem Teatral para atores no Senac por 20 anos. Realizou oficinas e palestras em mais de 20 escolas de diferentes locais do Brasil e em 3 locais do Peru. Tem experiência profissional na área das Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: maquiagem de personagens, máscaras, teatro, interpretação, música, cinema e educação. E-mail para contato: ivonmendes@gmail.com

Jônio Machado Bethônico Graduação em Comunicação Social / Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Minas Gerais; Mestrado em Educação e Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais; Doutorado em Educação e Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais; Pós-Doutorado em Linguística Aplicada: Linguagem

e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais; E-mail para contato: jonio@ufmg.br

Juliana Costa Neves Graduação em Jornalismo pela Universidade do Sagrado Coração. Grupo de pesquisa: Comunicação, Mídia e Sociedade (GPECOM). E-mail para contato: julianacostaneves96@gmail.com.

Leonardo Mozdzenski Professor da Escola de Contas Públicas Prof. Barreto Guimarães (ECPBG/TCE-PE); Graduação em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Comunicação (em andamento) pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: As narrativas da publicidade híbrida e os novos papéis do consumidor E-mail para contato: leo_moz@yahoo.com.br.

Leonardo Seabra Puglia Possui graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2009), Pós-Graduação em Gestão de Negócios e Inteligência Competitiva pela ESPM-RJ - Escola Superior de Propaganda e Marketing (2012), Mestrado em Ciências Sociais pela PUC-RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2015) e é doutorando em Ciências Sociais também pela PUC-RJ. Trabalhou com design, edição de vídeo, rádio, web, jornalismo e marketing esportivo, mídias digitais, TV, impresso, ONG e crítica de cinema, além de ter atuado, durante seis anos, como analista de marketing da Rede Telecine. Atualmente é cineclubista e professor no curso de Comunicação Social da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora (FSMA), em Macaé-RJ. leopuglia@gmail.com

Letícia Corona Fazolari Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo

Luís Carlos Bittencourt Professor Titular e Coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Veiga de Almeida; Coordenador do MBA em Administração de Marketing e Comunicação Empresarial da UVA; Graduação em Jornalismo pela ECO/UFRJ; Mestrado em Comunicação pela ECO/UFRJ; Doutorado em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ; Grupo de Pesquisa em Qualidade em Comunicação - CNPq; Avaliador Institucional pelo INEP/MEC; E-mail para contato: bitt@uva.br e lcbitt@gmail.com

Manoela Pagotto Martins Nodari Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFES. Doutorado em andamento pelo Programa de Pós-

graduação em Psicologia da UFES. E-mail: manu_pagotto@yahoo.com.br

Marcella Rodrigues da Silva: Professora do Centro Universitário Vale do Ipojuca - Unifavip | DeVry; Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará; Integrante do Grupo CNPQ Publicidade nas Novas Mídias (PPGCOM/UFPE) e Sociedade de Estudos do Esporte (PPGS/UFC); E-mail para contato: marcellamkt@gmail.com.

Maria José da Costa Oliveira Graduação em Comunicação Social pela Universidade de Mogi das Cruzes; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Pós Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Grupo de pesquisa: Compol – Comunicação Pública e Política; E-mail para contato: zezecoliveira@gmail.com

Marina Pires Savioli Universidade Anhembi Morumbi São Paulo – SP

Moacir José dos Santos Professor da Universidade: Universidade de Taubaté (UNITAU)/ Centro Universitário Módulo –Caraguatubá/SP; Membro do corpo docente do Programa de Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional da UNITAU; Graduação em História pela Universidade Estadual Paulista (1996); Mestrado em História pela Universidade Estadual Paulista (2000); Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista (2006); Pós Doutorado pela Universidade do Minho (UMINHO), Braga/Portugal (2015); Grupo de pesquisa: Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUPEC).

Monica Franchi Carniello Professora da Universidade: Universidade de Taubaté (UNITAU)/ FATEC – Pindamonhangaba/SP; Membro do corpo docente do Programa de Mestrado em Planejamento e Desenvolvimento Regional da UNITAU; Graduação em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1993); Mestrado em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2000); Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2005); Pós Doutorado pela Universidade Metodista de São Bernardo (2010); Pós Doutorado pela Universidade do Minho (UMINHO), Braga/Portugal (2015); Grupo de pesquisa: Núcleo de Pesquisa em Comunicação (NUPEC)/ Avaliação e diagnóstico do desenvolvimento regional - UNITAU

Nádia Maria Lebedev Martinez Moreira Professora da

Universidade Anhembi Morumbi; Graduação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil; Mestrado em Comunicação Social: Interações Midiáticas pela Universidade; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Brasil; Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Universidade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil; nadialebedev@gmail.com

Nathalia Akemi Lara Haida Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Positivo

Orlane Pereira Freires Professora da Universidade Federal do Amazonas; Membro do corpo docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas; Graduação em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas; E-mail para contato: orlane.freires@gmail.com.

Priscilla de Oliveira Martins-Silva Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES. E-mail: priscillamartinssilva@gmail.com

Rosana Alves de Oliveira Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat; Graduação em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins-UFT; Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília - UnB; Grupo de pesquisa: Comunicação, Cultura e Sociedade - Unemat ; E-mail para contato: rosana.alves@unemat.br

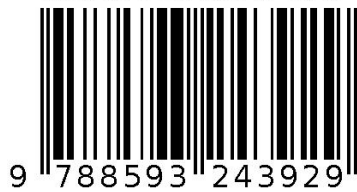
Rozinaldo Antonio Miani Graduado em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC); Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Doutor em História pela Unesp/Campus Assis. Pós-doutor pela ECA/USP (Apoio Fundação Araucária). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Vice-Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Vice-Coordenador do Curso de Especialização em Comunicação Popular e Comunitária da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (CNPq).

Sonia Regina Soares da Cunha Professor Estagiário PAE da Universidade de São Paulo; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo; Graduação em Comunicação Social (Jornalismo) pela Faculdade Cásper Líbero; Mestrado em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio

Grande do Norte; Doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; Grupo de pesquisa: Epistemologia do Diálogo Social da Universidade de São Paulo; E-mail para contato: reginacunha@usp.br

Valter Frank de Mesquita Lopes Professor da Universidade Federal do Amazonas; Membro do corpo docente do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas; Graduação em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas; Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas; E-mail para contato: valtermesquita@ufam.edu.br.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-92-9



9 788593 243929